

# Política

CONSTITUINTE

## OS GOVERNADORES, DECISIVOS.

Foi decisiva a participação dos 15 governadores presidencialistas. Quem não foi a Brasília garimpou votos pelo telefone mesmo.

A ofensiva final dos 15 governadores presidencialistas que foram a Brasília para pressionar diretamente as bancadas de seus Estados, junto com o Planalto e ministros, foi fundamental para a cômoda vitória presidencialista. Outros governadores, como Orestes Quêrcia, telefonavam sem parar para os constituintes. "Acho que ele conseguiu na última hora mudar pelo menos oito votos", comentava o deputado Sólton Borges dos Reis (PTB-SP).

Os constituintes paraenses foram duramente manobrados pelo governador Hélio Gueiros junto com o ministro Jäder Barbalho, que, instalado no gabinete do deputado Fernando Cunha comandava a pressão e ameaçava: "Quem votar pelo parlamentarismo vai perder os cargos que conseguiu".

Amazonino Mendes visitou todos os gabinetes dos constituintes do Amazonas, além de almoçar com a bancada antes da votação para uma checagem final das posições.

Beth Azize (PSB-AM) denunciava que o governador estava usando o Banco do Estado do Amazonas e a Caixa Econômica Federal como arma de "convencimento".

O governador Newton Cardoso, de Minas Gerais, foi outro dos que jogaram pesado, instalando um quartel-general de pressões em seu apartamento no Hotel Nacional e no escritório de representação de seu Estado. Para reforçar seus "argumentos" trouxe com ele secretários, assessores e vários diretores de empresas públicas mineiras. A estratégia deu certo e ele conseguiu a volta de "rebeldes" parlamentaristas como Hélio Costa, José da Conceição, Aécio Neves Cunha e José Geraldo, com a ajuda dos ministros Costa Couto e José Reinaldo, dos Transportes.

O governador de Rondônia, Jerônimo Santana, também circulou muito entre os constituintes de seu Estado, exigindo o voto presidencialista. Outro que andou ativo foi o governador do Maranhão, Epitácio Cafeteira, que almoçou na Câmara e pressionava constituintes indecisos até pelos corredores e perto do plenário. Depois, comentava eufórico: "Mudei pelo menos dois votos da bancada maranhense".

Mesmo sem votos, o governador de Fernando de Noronha, Fernando César Mesquita, circulou muito pelo Congresso, pressionando junto com assessores e diretores do presidente Sarney. O governador catarinense, Pedro Ivo, também andou pela Constituinte e na última hora teria conseguido mudar o voto dos deputados Walmor de Luca e Ivo Vanderlinde, conforme comentou o deputado Paulo Maccarini.

### Jogo pesado

"Quem usou chumbo grosso também foi o governador do Paraná", diziam assessores do senador José Richa, adversário político do governador Alvaro Dias. Ele almoçou com o deputado Paulo Pimentel e trouxe para "converter" com a bancada Joaquim Santos Filho, vice-presidente de operações da Caixa



O governador Cafeteira com o deputado Wagner Lago e assessores

## CARTAS NA MESA

Um inspirado almoço, ao som do piano, entusiasmava os presidencialistas.

Os restaurantes do Senado e da Câmara tiveram ontem um movimento recorde servindo mais de mil refeições, em um clima de nervosismo e tensão, mas o almoço foi realmente uma festa. Muitos constituintes como o deputado Paulo Maccarini (PMDB-SC), misturavam, ao lombinho de porco assado e à carne de carneiro, os pratos fortes do dia: os papéis e listas para as últimas checagens das posições de cada bancada.

O governador de Fernando de Noronha, Fernando César Mesquita, rodeado de jornalistas e pelo líder do PDS, Amaral Neto, garantia a vitória presidencialista e já comemorava. Em outra mesa, o governador do Maranhão, Epitácio Cafeteira, almoçava com assessores e o deputado Wagner Lago, dizendo que, dos 21 constituintes de seu Estado, 13 estavam fechados com ele e o parlamentarismo.

Alheio à propaganda e às

pressões, entrou no restaurante da Câmara o senador Afonso Arinos, porta-voz do parlamentarismo, que concentrou as atenções e abraços até de adversários. Ele foi um dos últimos a deixar o almoço, saindo sozinho depois das 15 horas, enquanto o pianista Felício Antônio Boccacino, que há um ano toca na casa, executava a música "para não dizer que não falei de flores", de Geraldo Vandré.

"Sou parlamentarista e pelos quatro anos de mandato, temo que mudar", confessava depois o pianista, sentado a poucos metros do senador Edison Lobão (PFL-MA), um dos suspeitos de ter votado recentemente, em nome do deputado Sarney Filho ausente do Plenário. Alguns deputados parlamentaristas aproveitaram para ironizar dizendo ao pianista Felício Antônio: "Cuidado que você ainda perde o emprego para o Lobão".

Ao passar pela mesa onde estava Epitácio Cafeteira, o deputado César Cals Neto, (PDS-CE), reclamou: "Como é governador, querendo tirar a refinaria do Ceará e levar para o Maranhão?" Cafeteira confirmou e fez seu desafio: "O Estado que tiver mais votos pelo presidencialismo e mandato de cinco anos, Ceará ou Maranhão, leva a refinaria. Topas a aposta?" César Cals Neto retirou-se, sorrindo meio sem graça.

Adversário de Sarney e de Cafeteira, o deputado Haroldo Saboya (PMDB-MA) comentava em voz alta apontando o governador de seu Estado: "Não sei o que ele faz aqui, afinal não tem voto na bancada que segue o presidente, quer fazer de conta que está fazendo pressão, a prova é que na mesa dele só tem um deputado, o Wagner Lago que é o único que o Cafeteira controla".

O governador Pedro Ivo, de Santa Catarina, também circulou

pelo restaurante da Câmara cumprimentando parlamentares, mas não almoçou. Já no restaurante do Senado a mesa mais movimentada era a do governador Amazonino Mendes, que almoçou com oito dos 11 constituintes do Amazonas. Alegre e confiante não parava de repetir: "O presidencialismo já ganhou na nossa bancada, só mesmo a deputada Beth Azize e o Bernardo Cabral vão votar contra a gente".

### "Apoio" mudo

Do lado de fora centenas de pessoas, principalmente crianças e mulheres, portavam faixas apoiando os cinco anos para Sarney e o presidencialismo. Algumas diziam ainda mais: "Cinco anos é pouco para o presidente Sarney". Todos foram arregimentados pela Secretaria Especial de Ação Comunitária da Presidência da República, receberam, gratuitamente, camisetas, lanches e leite.

Econômica Federal. Trabalhou junto com Alvaro Dias no trabalho de "persuasão" o ministro paraense Borges da Silveira.

O senador José Richa ainda tentou que os governadores parlamentaristas Henrique Santillo e Pedro Simon pressionassem suas bancadas, mas o governador de Goiás pouco fez. Ele queria também que Tasso Jereissati liberasse a bancada, mas o governador cearense foi figura ativa na pressão presidencialista sobre a bancada de seu estado.

"Em Brasília fiz só a checagem final e senti que estava tudo bem, com todos nossos 11 constituintes fechados com o presidencialismo, até os inimigos políticos da família Maia, que, entretanto, votarão nos quatro anos de mandato", comentava o governador do Rio Grande do Norte, Geraldo Mello. Ele estava tão confiante que deixou de pressionar logo depois do almoço, voltando a Natal antes da votação.

Depois de intensa movimentação, o ministro Prisco Viana se instalou comodamente no gabinete do deputado Carlos Sant'Anna, de onde acompanhou a votação. Não tinha dúvida da vitória. Enquanto isso, pouco antes do início da votação, o senador parlamentarista Fernando Henrique Cardoso já comentava desanimado: "Só de segunda para terça os governadores conseguiram transformar 40 parlamentaristas em presidencialistas".

Fernando Lyra (PMDB-PE) teve um caminho inverso, era presidencialista e virou parlamentarista na última hora. Ao entrar no plenário para votar ele sintetizou o dia político ao comentar entre irritado e perplexo: "Nunca vi tanta pressão na minha vida, o governo jogou pesado".

### A alegria de Prisco Viana: "ganhamos".

"Ganhamos", afirmou sorridente o ministro da Habitação, Prisco Viana, ao verificar que a emenda presidencialista fora aprovada por 344 votos, 24 a mais do que esperava o governo em sua análise anterior à votação. Certo da vitória, o ministro pôde dizer que a aprovação do mandato de cinco anos para o presidente Sarney será facilmente conquistada. O clima criado no momento da votação foi a explicação de Prisco para os votos.

## SARNEY

Às 15h30, o ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, entrou ontem no gabinete do presidente Sarney levando debaixo do braço uma previsão, com base em informações da subchefia de assuntos parlamentares, que dava uma vitória do regime presidencialista com 326 votos. Sarney leu calmamente o relatório, página por página, e deu o seu prognóstico: "Não, é muito mais do que isso".

Mais tarde, às 18h30, quando desceu correndo as escadarias do Planalto para dar o resultado final da votação no plenário, Costa Couto já encontrou o presidente recebendo os cumprimentos do assessor especial, Thales Ramalho. O telefone não parava de tocar e Sarney instruiu ministros e parlamentares do outro lado da linha: "Vamos com calma. Nada de euforia. Vamos manter uma posição discreta nessa história". O presidente mostrava uma tranquilidade que não lhe é comum.

No exato momento da votação, ele recebia em seu gabinete um

grupo de empresários japoneses, cumprindo uma agenda que fez questão de manter para dar um aspecto de normalidade no Planalto, enquanto a Constituinte decidia o sistema de governo. Auxiliares do presidente e ministros que se encontravam na sala de espera, como Antônio Carlos Magalhães, das Comunicações, impacientes, abriram a porta da audiência para cumprimentar o presidente com uma alegria que acabou contendo com a participação, meio desajeitada, do presidente da YKK do Japão, Kiichi Yoshikawa.

Quando Costa Couto entrou com a relação dos votantes, passou-se às análises do presidente, apenas considerando a margem de vitória satisfatória, e dos ministros, confirmando adesões ou traições. Nesse momento, o gabinete de Sarney já recebia, além de Magalhães e Costa Couto, os ministros Aluizio Alves, da Administração, Jäder Barbalho, da Reforma Agrária, Abreu Sodré, das Relações Exteriores, José Hugo

Castelo Branco, da Indústria e Comércio, Vicente Fialho, da Irrigação, o general Bayma Denys, do Gabinete Militar, o governador Fernando César Mesquita, do Território de Fernando de Noronha, o secretário e genro, Jorge Murad, o assessor especial Thales Ramalho, e o filho mais velho, Fernando Sarney. A delegação japonesa ouvia explicações.

Sarney procurava manter uma postura de tranquilidade. Na primeira hora de trabalho de ontem, ele abriu as portas do gabinete para ser fotografado.

Logo depois do resultado da votação, Sarney recebeu diversos telefonemas, vindos, por exemplo, do governador de São Paulo, Orestes Quêrcia, do ministro Leônidas, de empresários como Mathias Machiline, Roberto Marinho e Adolpho Bloch, além do governador Newton Cardoso, de Minas Gerais, e dos ministros José Hugo Castelo Branco, Aureliano Chaves, das Minas e Energia, e Jäder Barbalho.

## ULYSSES

"Não arrisco nada", repetia ontem o presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, enquanto se dirigia ao plenário para comandar a sessão mais discutida e aguardada dos últimos meses. Mesmo se negando a fazer qualquer previsão sobre o resultado da votação, Ulysses admitia que a grande pressão do governo em favor do presidencialismo e a ação dos governadores junto às suas bancadas influenciariam a decisão dos constituintes.

Até a hora do almoço, Ulysses ficou praticamente o tempo todo ao telefone. Para ele, o dia começou às 7h25, como de costume, com a chegada das sinopses de todos os jornais. A seguir, em traje de ginástica e acompanhado por seu fisioterapeuta e um segurança, partiu para uma caminhada na ciclovia — área pública que contorna as residências às margens do Lago Paranoá.

Às 8h25, depois do café da manhã reforçado por vitamina de frutas, recebeu o secretário da Mesa da Constituinte, Paulo Afonso Martins, que só deixou o local às 10 horas. A longa conversa foi

resumida em apenas uma frase: Ulysses esperava que a votação transcorresse normalmente. Às 11h20, o governador baiano Waldir Pires chegou a casa de Ulysses. Pouco antes do meio-dia ele saiu. Pires, o único governador parlamentarista presente ontem em Brasília, constatou o crescimento da tese presidencialista e condenou a movimentação do Planalto pela sua aprovação.

Às 12h35, o deputado Nelson Jobim (PMDB-RS) e o assessor jurídico de Ulysses, Miguel Reale Júnior, chegaram com as tendências verificadas no Congresso pela manhã. "Os ímpetos presidencialistas cresceram muito com a ação do governo", relatou o deputado. Durante o encontro, os três discutiram também as possibilidades de medidas que Ulysses poderia adotar, caso a emenda Luceña não conseguisse os 280 votos a favor ou contra. Se isso ocorresse mesmo, ficou decidido que vários parlamentares sugeririam que fosse levada a voto a emenda parlamentarista, sem a necessidade de aguardar as 24 horas regimentais para a segunda votação.

Depois do almoço com a mulher, dona Mora, e seus assessores, Ulysses saiu de casa apressado, às 14h30. "Tenho que presidir uma sessão", dizia.

Encerrados os trabalhos, Ulysses fez uma avaliação: A aprovação ontem do presidencialismo e do mandato de cinco anos para os futuros presidentes não significa necessariamente que o plenário vá se decidir pelos cinco anos para o presidente Sarney. As votações, disse, são independentes, e o tempo entre a votação de ontem e a do mandato de Sarney será usado para que os constituintes meditem sobre suas decisões. Ulysses negou ainda que a aprovação do presidencialismo o tenha atingido.

Sobre um possível racha no PMDB diante do resultado, Ulysses diz não acreditar em confrontos internos. afirmou que não tem condições de avaliar se o partido votou, em sua maioria, contra a vontade popular de promover eleições este ano, acusação feita pelo senador Fernando Henrique Cardoso.